



Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Brasil

do Nascimento, Sergio Luis

Ilustração de personagens negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso do ensino fundamental

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 2, núm. 2, julho-diciembre, 2010, pp. 417-433

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749240010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Ilustração de personagens negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso do ensino fundamental

Illustration of black and white characters in Religious Education didactic books in elementary school

Sergio Luis do Nascimento

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: axesergio@yahoo.com.br

Resumo

O artigo apresenta algumas considerações sobre a análise dos discursos sobre os segmentos raciais negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso de 5ª e de 8ª séries do ensino fundamental, publicados entre 1977 e 2007. A análise foi produzida nos contextos interpretativos da teoria da ideologia (THOMPSON, 1995) e dos estudos contemporâneos sobre discursos racistas. Além disso, manteve-se como foco os possíveis impactos da movimentação em torno do tema na produção de discurso racista em livros didáticos de Ensino Religioso, procurando contemplar publicações produzidas de acordo com os três modelos tradicionalmente presentes em diversas escolas do Brasil, a saber: as concepções denominadas Confessional, Interconfessional e a Fenomenológica. A análise formal ou discursiva consistiu na avaliação

interna das próprias formas simbólicas, à qual se buscou integrar técnicas de análise de conteúdo. Para análise quantitativa, obteve-se uma amostra de 432 personagens nas ilustrações retiradas de 20 livros didáticos de Ensino Religioso de 5ª e de 8ª séries do ensino fundamental.

Palavras-chave: Relações raciais. Livros didáticos. Ensino Religioso. Discurso racista.

Abstract

The article presents some considerations on the analysis of discourses on blacks and whites characters in Religion Education didactic books, from the 5th and 8th grades of elementary school, published between 1977 and 2007. The analysis was produced over interpretative contexts of the theory of ideology (THOMPSON, 1995) and contemporary studies on racist discourses. Furthermore, it was kept the focus on possible impacts related to the dynamics around the theme, in the production of racist discourse in Religion Education didactic books, aiming at encompassing school books printed in accordance with the three models traditionally present in several different schools, all over Brazil, that is: the so-called Confessional, Inter-Confessional and Phenomenological conceptions. The formal or discursive analysis consisted of evaluating their own internal symbolic forms, which sought to integrate techniques of content analysis. For quantitative analysis was used a sample of 432 characters taken from the illustrations in 20 textbooks for Religious Education in 5th and 8th grades of elementary school.

Keywords: Race relations. Didactic books. Religion Education. Racist discourse. Blacks.

Introdução

O artigo pretende apresentar os resultados da análise de personagens das ilustrações das unidades de leitura e das ilustrações das capas de livros didáticos de Ensino Religioso dirigidos à 5ª e à 8ª séries do ensino fundamental, publicados entre 1977 e 2007. Nessa caracterização pretendeu-se apresentar os dados da análise de conteúdo que empreendem a interpretação dos resultados à luz da Hermenêutica da Profundidade (HP) e dos estudos críticos sobre relações raciais em livros didáticos.

Foram analisados 20 livros didáticos de Ensino Religioso de 5ª e de 8ª séries do ensino fundamental, publicados entre 1977 a 2007. No total de 229 unidades de leitura e nas ilustrações que acompanham estes mesmos textos, foram observados 432 personagens, e 43 nas ilustrações de capas.

Divididos os resultados relativos aos dados catalográficos dos livros didáticos e das unidades de leitura que compõem a amostra, foram examinados algumas características importantes e os principais atributos dos personagens. Apresentou-se uma discussão sobre personagens brancos e negros (agrupamento dos resultados obtidos para as categorias preto e pardo) e cotados os resultados com outros estudos sobre relações entre negros e brancos em livros didáticos, e em alguns casos, com resultados de estudos sobre negros e brancos em outras formas discursivas (em especial literatura infanto-juvenil e literatura). Além disso, fez-se o exercício de comparar os personagens das unidades de leitura dos livros categorizados como representantes das três diferentes propostas de educação religiosa: Confessional, Interconfessional e Fenomenológica.

Contexto

O pressuposto desse artigo é identificar nas ilustrações se os livros didáticos de Ensino Religioso de 5ª e de 8ª série apresentam desigualdade racial nos segmentos raciais negros e brancos.

O presente problema salientado estabelece um pressuposto que Rosemberg, Bazilli e Silva (2003, p. 127-128) descrevem muito bem: o desafio mais crítico para aqueles que lutam contra o racismo no Brasil está justamente em convencer a opinião pública do caráter sistemático e não casual dessas desigualdades. Combater o racismo não significa lutar contra indivíduos, mas se opor às práticas e ideologias com as quais o racismo opera por meio das relações culturais e sociais.

Entende-se que o conhecimento tem necessidade de refletir sobre si mesmo. Reconhecer, situar, problematizar. É o que este artigo propõe: debate e reflexão de um tema controverso, justamente em função de uma cultura de naturalização do racismo que reflete, por exemplo, na exclusão de negros do processo de escolarização. Frente a essa questão, Jaccoud e Beghin (2002, p. 37) salientam que:

A exclusão socioeconômica a que está submetida a população negra produz perversas conseqüências. De um lado, a permanência das desigualdades raciais naturaliza a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania por parte dessa parcela de brasileiros à qual é negada a igualdade de oportunidades que deve o país oferecer a todos.

A educação sempre foi uma constante e persistente reivindicação dos grupos negros, desde o escravismo, que impedia a educação e a instrução dos negros e dos escravizados, fazendo que as irmandades religiosas negras por todo o país tomassem silenciosamente esse encargo. Muitas vezes, grupos que se reuniam e pagavam o ensino particular foram organizados, ou contavam com a participação de outros afrodescendentes cultos. Tentativas de transpor as condições de vida em que os negros estiveram imersos no pós-abolição levaram à instituição de escolas formais e informais em um sem número de agremiações negras, com as mais diversas denominações.

A histórica persistência da população negra na procura de melhor escolaridade é reconhecida, apesar de o sistema escolar impor ao alunado negro uma trajetória escolar mais difícil em relação àquela que impõe ao alunado branco (ROSEMBERG, 1987). Vale lembrar ainda que, de acordo com Rosemberg (1987), num estudo sobre atraso escolar e a participação do negro no mercado de trabalho, estudantes negros apresentaram uma trajetória escolar com frequentes interrupções, temporárias ou definitivas, para trabalhar. Entretanto, a pesquisadora salienta que tais dados parecem sugerir que não é a participação no mercado de trabalho que determina o atraso escolar de alunos negros, mas sim alguns processos intraescolares que não permitem uma identificação do alunado negro com a sua história.

O que pesquisadores como Carvalho (2006) sugerem em suas análises – e que, de certa forma, reforçam o que Rosemberg (1987) salientou – é que a ausência de temas relativos à contribuição dos negros na formação e no desenvolvimento do País; a carência de abordagens sobre os elementos culturais dos negros; a negação dos negros na África e no Brasil; e a invisibilidade dos negros nos conteúdos dos livros didáticos contribuem para a interrupção de sua trajetória escolar. Por isso, este artigo pretende analisar como tais questões se apresentam nos livros didáticos de Ensino Religioso.

A dificuldade do alunado negro em se identificar com a sua própria história dá-se, por exemplo, no currículo, que se apresenta como

um campo de disputa. Em geral, ele é engessado e excludente. Etnias sequer são mencionadas, como é o caso dos ciganos, ou ainda são referenciadas de forma estereotipada, como é o caso dos negros e de outros grupos étnicos, como indígenas, asiáticos, latinos, que são percebidos de forma pejorativa e desqualificada na estrutura curricular (CARVALHO, 2006, p. 126).

O acesso ao trabalho de Silva (2005) sobre relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa foi fundamental, pois possibilitou contato com esse campo de estudo no Brasil e suas implicações, que revelam que os livros didáticos brasileiros são racistas. É importante que mais pesquisas nessa área apontem para os livros didáticos os seus equívocos, lacunas, disparidades, desproporções, para além da palavra de ordem genérica que diz ser “necessário mudá-los” (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003, p. 130-131).

Assim, a consolidação de uma sociedade mais justa e democrática, tão almejada neste novo século, passa necessariamente pelo combate ao racismo, pelo esforço urgente e consistente no reconhecimento de suas implicações e pela tentativa de sua superação. Atitudes racistas e preconceituosas permeiam com naturalidade o cotidiano de várias pessoas, de todas as classes, de todos os grupos étnicos e condições sociais, grupos que não perceberam como nem quanto o racismo tornou-se uma prática culturalmente incorporada, e nem perceberam a extensão dos danos que provocaram na população negra.

Como referencial metodológico, será utilizada a Hermenêutica da Profundidade (HP), proposta por Thompson (1995). A análise da ideologia, para o autor, é uma forma particular de HP, cujo foco dirige-se às inter-relações entre significado e poder. A HP compreende três fases: a análise sócio-histórica, que tem a função de reconstruir as condições e os contextos sociais e históricos da produção, circulação e recepção das formas simbólicas; a análise discursiva ou formal, por meio da qual podemos examinar a organização interna das formas simbólicas, suas características estruturais, padrões e relações; e a interpretação/reinterpretação, que seria a análise dos discursos à luz da teoria da ideologia.

Análise comparativa de personagens na ilustração entre os três modelos

A proposta inicial para coleta de dados era contemplar livros didáticos produzidos de acordo com três modelos tradicionalmente

presentes em diversas escolas do Brasil, a saber: as concepções denominadas Confessional, Interconfessional e Fenomenológica. Salientamos que, além destas três proposições, existem outras derivadas. Além disso, as formas de classificação, via de regra, fazem uso de generalizações e estão pouco atentas a detalhes, gerando, quase inexoravelmente, imprecisões ou ambiguidades. Reconhecendo essas possíveis imprecisões, ou incertezas, ainda assim se considera aqui que a classificação em diferentes “modelos” de Ensino Religioso no Brasil ajuda a compreender mudanças de propostas pedagógicas e a pensar que tais mudanças se refletem nos livros didáticos. Toma-se, pois, a classificação em três modelos que se organizam em períodos sucessivos, em função do Ensino Religioso presente nos currículos das escolas brasileiras e que, também, estão de acordo com o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), que reconhece essas três correntes como marco estruturador de leitura e interpretação da realidade (JUNQUEIRA, 2008).

Sobre a classificação dos selos, usamos como critérios os conteúdos que cada selo apresentou: o modelo Confessional incorpora uma linha de conteúdos doutrinários, o Interconfessional apresenta uma linha de conteúdos cristãos, e o Fenomenológico, de conteúdos culturais. Essa classificação tem que ser compreendida como uma aproximação, não como um critério que engloba todos os aspectos de cada uma das obras.

A distribuição de personagens brancos e negros na ilustração que acompanhou as unidades de leitura está apresentada na Tabela 1. Esses resultados apresentaram algumas variações importantes para os diversos modelos. Foi observado um total de 432 personagens ilustrados, sendo 80 no modelo Confessional, 155 no Interconfessional e 197 no Fenomenológico.

Os personagens brancos ilustrados do modelo Confessional prevaleceram sobre os personagens negros. Esses, no entanto, que praticamente não existiam nos textos do referido modelo, tiveram um número superior nas ilustrações. Uma tendência observada nos livros desse modelo foi a maior frequência de personagens negros ilustrados, sendo a metade de tais personagens representada por imagens de grupos ou de multidões.

A tabela mostra um gradativo aumento de personagens brancos e personagens negros nos modelos Interconfessional e Fenomenológico. No primeiro foram 109 (70,9%) personagens brancos e 17 (10,1%) personagens negros; no segundo, 127 (64,5%) personagens brancos e 33

(16,5%) personagens negros. Calculadas as taxas de branquidade¹, para o modelo Confessional foram 4,2 personagens brancos ilustrados para cada personagem negro; no Interconfessional foram 6,4 personagens brancos ilustrados para cada negro; no Fenomenológico foram 3,8 personagens brancos para cada negro. Ou seja, a tendência de apresentar personagens negros nas ilustrações de forma mais frequente que nos textos esteve presente em todos os modelos, sendo mais acentuada no modelo Confessional (redução de 29 para 4,2). Os livros do modelo Fenomenológico apresentaram a menor desproporção em relação a personagens no texto (taxa de branquidade de 6,7) e nas ilustrações (3,8).

Tabela 1 - Atributos de personagens na ilustração dos modelos Confessional, Interconfessional e Fenomenológico de personagens brancos e negros presentes em amostra de 432 unidades de leitura²

Atributos	Modelo Confessional Cor-etnia		Modelo Interconfessional Cor-etnia		Modelo Fenomenológico Cor-etnia		
	Brancos	Negros	Brancos	Negros	Brancos	Negros	
	(N = 34)	(N =8)	(N =109)	(N =17)	(N =127)	(N =33)	
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	
Natureza	Humana	32 (94,1)	8 (100)	106 (97,2)	17 (100)	123(96,9)	32 (96,7)
	Religiosa	2 (5,9)	0 (0,0)	3 (2,8)	0 (0,0)	2 (1,6)	1 (3,3)
Individualidade	Indivíduo	16 (47,1)	4 (50,0)	54 (49,5)	14 (82,9)	51 (40,2)	9 (27,7)
	Multidão	18 (52,9)	4 (50,0)	55 (50,5)	2 (11,4)	76 (59,8)	24 (72,3)
Sexo	Masculino	16 (47,1)	1 (12,5)	57 (52,3)	12 (70,5)	59 (46,5)	17 (51,2)
	Feminino	5 (14,7)	2 (25,5)	19 (17,4)	4 (23,8)	21 (16,5)	3 (9,1)
Idade	Adultos	21 (61,8)	1 (12,5)	77 (70,6)	8 (47,6)	102(80,3)	18 (54,5)
	Crianças	10 (29,4)	5 (62,5)	23 (21,1)	7 (41,9)	5 (3,9)	8 (24,4)

Fonte: O autor (2009).

¹ A taxa de branquidade fornece a relação entre o número de personagens brancos identificados correspondentes à unidade de personagem negro identificado.

² Usando o programa Excel, foram criadas planilhas eletrônicas, nas quais foram anotados, para cada variável, os códigos definidos nos manuais. Essas informações foram postadas no programa SPSS, versão 13.0. Sendo que, para cada um dos manuais e cada uma das variáveis, foram geradas tabelas de frequência simples. Para os dados relativos aos personagens, organizou-se tabelas de cruzamentos de variável cor-etnia com todas as demais variáveis. Com isso, foi gerado um número elevado de tabelas; selecionadas tais tabelas e dados, sistematizou-se as informações e, por meio destas, deu-se a análise de conteúdo. A primeira planilha apresentada tratou da análise dos dados catalográficos dos livros didáticos que compuseram a amostra.

Repetiu-se nas ilustrações também a hegemonia de personagens de natureza humana e, embora em todos os modelos figurem alguns personagens brancos religiosos, inexistem personagens negros religiosos nas ilustrações dos modelos Confessional e Interconfessional. Ou seja, somente no modelo Fenomenológico o personagem negro religioso está presente.

Em relação aos atributos Indivíduo e Multidão, observou-se uma tendência a apresentar muito maior proporção de personagens grupo-multidão, tanto para negros quanto para brancos. Um detalhe peculiar entre os três modelos é o fato de que no Interconfessional o número personagens negros foi de 14 (82,9%), a maior média percentual entre os modelos. Tal resultado indica uma maior importância de personagens negros nas ilustrações dos livros desse modelo. Por outro lado, a tendência se inverteu para o modelo Fenomenológico, com 24 (72,3%) personagens negros apresentados como grupo-multidão. Ou seja, o aumento de número e de proporção de personagens negros coincide com a tendência em apresentá-los menos como indivíduos.

No caso do atributo sexo observa-se na Tabela 1 uma presença feminina, de forma geral, muito abaixo da masculina, mas em presença relativa um pouco maior que para as personagens no texto. No caso do modelo Interconfessional, a ocorrência de duas personagens femininas foi maior que a do único personagem masculino ilustrado. Mesmo com ocorrências baixas, o percentual de personagens negras femininas nas ilustrações foi superior ao percentual de personagens femininas brancas nos modelos Confessional e Interconfessional. No modelo Fenomenológico, o percentual de personagens femininas negras passou a ser mais baixo (9,1%) e a taxa de branquidade foi de 7,0. De uma forma geral, a mulher negra praticamente não existiu como personagens nas ilustrações analisadas.

Os personagens infanto-juvenis ilustrados são minoria em relação aos personagens adultos, mas bem mais frequentes nas ilustrações que nos textos. As personagens infanto-juvenis negras, que inexistiam nos textos, e as brancas, que quase não existiam, passaram a figurar com maior incidência nas ilustrações. Aparecem distribuídos em todos os modelos, com destaque ao modelo confessional, com dez (29,4%) personagens brancos e cinco (62,5%) personagens negros, no único caso em que os personagens infantis foram superiores aos adultos. No modelo Interconfessional foram 23 (21,1%) personagens brancos infanto-juvenis ilustrados e sete (41,9%) personagens negros. No modelo Fenomenológico cinco (3,9%) personagens

brancos e oito (24,4%) personagens negros infanto-juvenis, sendo a taxa de branquidade de 0,6, a menor de todos os personagens tabulados na amostra. Esse dado revela-nos uma situação intrigante no que se refere a um indicador de público, pois pesquisadores anteriores, como Negrão (1988) e Silva (2005), salientaram em suas pesquisas resultados desproporcionais entre personagens infantis brancos e negros e interpretaram que as unidades de leitura se dirigiam a leitores presumidamente brancos. Na análise qualitativa e na leitura inicial dos livros, em sua totalidade, já havíamos apreendido maior presença de personagens negros infantis ilustrados nos selos pesquisados, em particular nos livros didáticos do modelo Fenomenológico. O resultado quantitativo de maior número e proporção de personagens negros infantis é significativo, em função da possível identificação dos leitores infanto-juvenis com os personagens de faixa etária similar. Interpretamos como um caso de contradiscurso relativo à norma branca de humanidade, que opera em diversos meios discursivos midiáticos no Brasil (SILVA, 2008).

O discurso religioso parece, mesmo no modelo Fenomenológico, que procura trabalhar mais com valores universais que com valores específicos de religião, muito marcado por uma perspectiva masculina, branca e adulta. Interpretamos, a partir dos resultados aferidos, que as ilustrações operam num sentido de minimizar tais desigualdades, apresentando as ilustrações maior diversidade de gênero, raça e idade em relação aos textos dos mesmos livros. No entanto, essa maior diversidade relativa não representa discurso igualitário. Com exceção dos personagens infanto-juvenis negros, desigualdades importantes se mantêm.

Os personagens negros ilustrados, que eram exíguos no modelo Confessional, passaram a ter mais representatividade nos modelos Interconfessional e, em específico, no Fenomenológico. O aumento de personagens negros ilustrados no modelo Fenomenológico atende, de certa forma, à preocupação das editoras em responder aos movimentos sociais negros em torno dos livros didáticos. Encontramos na pesquisa de Silva (2005) essa mesma observação, no que se refere à tentativa das editoras em responder às críticas dos movimentos sociais e de pesquisadores nas mudanças e na forma de produção dos livros. No caso dos livros didáticos de Ensino Religioso, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.475/97, de 22 de julho de 1997, que orienta o perfil do Ensino Religioso como parte integrante da formação básica do cidadão, cabe à disciplina assegurar o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil (JUNQUEIRA, 2001).

Contribuíram de forma bem salutar para essas transformações as ilustrações, principalmente nos selos publicados após a LDB, de cultos e festas de religiões de matriz africana, uma vez que enfatizaram aspectos importantes em torno dessas manifestações religiosas, como a vida em comunidade, a solidariedade e o respeito ao idoso. Os Orixás, que outrora não eram nem citados, ou citados de maneira estereotipada e estigmatizada, são trazidos dentro do contexto de história e contos, se fazendo conhecer de maneira lúdica e despreziosa dentro dos selos. Um aspecto importante, no recurso imagético dos livros, foi o esmero na escolha positiva das imagens, que refletem o cuidado na leitura e a preservação dos elementos constituintes da estética negra. A representação visual adquire múltiplas abordagens que se sobrepõem ou são vistas de forma particularizada.

Parece que as ilustrações têm apresentado resultados mais expressivos nessa direção de atender a demandas sociais e a normativas relativas à diversidade. Por um lado, pode-se interpretar como salutar o fato das ilustrações apresentarem resultados melhores. De acordo com a análise das formas de produção dos livros didáticos, essa melhoria pode ter origem em equipes de arte e de ilustração mais atentas às demandas sociais e à diversidade. Por outro lado, no entanto, as ilustrações com maior diversidade podem operar como expressão do modo de atuação ideológica da *dissimulação*, com a estratégia ideológica de *deslocamento*, corroborando para obscurecer os discursos racistas, sexistas e adultocênticos presentes nos textos.

Além disso, as ilustrações guardam resquícios de uma “mediação do sofrimento”, como descreve Andrade (2004, p. 86), ao retratar a criança negra em situação de exploração, de trabalho e pobreza. Em nossa análise qualitativa, identificamos ilustrações que relacionaram a infância a “problemas sociais” e, da mesma forma que Silva (2007) descreve, a infância tem cor e origem. Essa cor é representada tanto nos textos como nas ilustrações da amostragem nessa pesquisa, associadas à figura da criança negra e pobre. As ilustrações muitas vezes operam como formas complementares aos textos, ao comunicar determinados sentidos como atribuições de juízo de valor, levando a possíveis formas de interpretação (SILVA, 2007, p. 16). No caso específico, as imagens que se repetem de crianças negras em condições de pobreza, sofrimento, desvalorização social, necessidade de assistência, por um lado, podem operar como mote para críticas sociais; por outro, circunscrevem um espaço social específico para o negro, o espaço da miséria, da subalternidade e da necessidade de assistência social ou de caridade.

Seria expressão do modo de operação da ideologia da fragmentação, da segmentação de grupos sociais em espaço de poder específico.

O que se pretende avaliar com as ilustrações, em outras palavras, são as imagens que podem dar sustentação ao racismo antinegro, ilustrações essas que povoam o cotidiano e que nos acompanham no trabalho, nas ruas, nos estabelecimentos públicos, que são amplamente difundidas na cultura popular e, muitas vezes, circulam por meio de livros didáticos.

No modelo Fenomenológico, que apresentou um número maior de imagens ilustrativas de negros, os selos não apresentaram personagens negros com traços deformados, e o próprio discurso racista nas ilustrações adquiriu formato mais elaborado. Ilustrações com estereótipos deram lugar a imagens que, principalmente, circunscrevem o negro em situações de miséria e escravidão. De certa forma, selos publicados na amostragem desta pesquisa (desde o início desta década) superaram as ilustrações estereotipadas que retratavam as mulheres com lenço na cabeça, lábios exagerados, infantilizadas, próximas à natureza.

Além disso, são observadas diversas ilustrações, principalmente fotografias, que valorizam aspectos fenotípicos dos personagens negros ou que tratam de forma positiva as características da cultura afro (Figura 1).



Figura 1 - Página de abertura da unidade 2 “Escolher e conviver”, da coleção “Redescobrimo o universo religioso”

Fonte: NARLOCH, 2007, p. 25.

A página de abertura da unidade e a página seguinte trazem a mesma ilustração, dentro do tema “Quando a gente pode escolher”. O texto, em sua essência, trabalha com o entendimento de liberdade dos leitores, afirmando que a liberdade faz parte da condição humana e que o homem, enquanto cidadão, tem direito a ela. A ilustração, nesse caso, vem afirmar uma situação de liberdade.

Dentro da proposta deste artigo, a imagem apresenta os caminhos possíveis para abordar a questão do negro nos livros didáticos, reforçando a questão da identidade étnica passada no presente de maneira “natural”, sem cenas caricatas ou preconceituosas. Além disso, o fato de apresentar uma relação de carinho entre duas personagens que aparentam ser mãe e filha é significativo.

O discurso dos livros didáticos de Língua Portuguesa e o discurso midiático brasileiro levaram Silva (2007) a afirmar que ocorre uma “proibição tácita” de apresentar o negro em família. Na imagem em questão, temos exemplo de discursos difíceis de serem observados em outros meios discursivos, que valorizam personagens negras em família.

Outra novidade nos livros didáticos do modelo Fenomenológico é tomar as religiões afro-brasileiras como tema. Em geral, tais partes são acompanhadas de fotografias ilustrativas. A Figura 2 apresenta o Candomblé com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e as religiões de matriz africana, ressaltando no texto alguns fundamentos destas tradições.

O Candomblé oferece, em especial, à população negra, subsídios para o desenvolvimento de identidade. O texto que acompanha a ilustração reproduzida descreve, de forma positiva, alguns valores relacionados com as religiões de origem africana.

Na Figura 3, a unidade trabalha por meio do texto uns contos africanos, que se encontram inseridos na temática “Religião e ciência”, na unidade analisada. O texto afirma que povos que não praticam a ciência ocidental não deixam de ter a sua própria ciência, associada à divindade, como a apresentada no conto afro-brasileiro. Isso demonstra o cuidado com as diferentes manifestações religiosas, como as de matriz africana. Tais informações eram inexistentes nos selos analisados no modelo Confessional.

Na tradição religiosa originada na África Negra e representada no Brasil pela **umbanda** e pelo **candomblé**, encontra-se a ética da vida, na qual se valorizam e se preservam os seguintes aspectos:

- a vida em comunidade;
- a solidariedade;
- a presença de costumes e valores transmitidos de uma geração à outra;
- o respeito pelo idoso e pela criança;
- a conciliação entre o estilo de vida tradicional e o estilo moderno, preservando-se a tradição, porém mantendo-se receptivo ao novo.



Figura 2 - Exemplo de personagens ilustrados na unidade de leitura da coleção “Redescobrimo o universo religioso”


Fonte: LONGEN, 2007, p. 44.

CONTANDO UM CONTO...

OSSAIM RECUSA-SE A CORTAR AS ERVAS MIRACULOSAS

Ossaim era o nome de um escravo que foi vendido a Orunmilá. Um dia ele foi à floresta e lá conheceu Aroni, que sabia tudo sobre plantas. Aroni, o gnomo de uma perna só, ficou amigo de Ossaim e ensinou-lhe todo o segredo das ervas. Um dia, Orunmilá, desejoso de fazer uma grande plantação, ordenou a Ossaim que roçasse o mato de suas terras. Diante de uma planta que curava dores, Ossaim exclamava:

*“Esta não pode ser cortada, é a erva que cura as dores”.
Diante de uma planta que curava hemorragias, dizia:
“Esta estanca o sangue, não deve ser cortada”.
Em frente de uma planta que curava a febre, dizia:
“Esta também não, porque refresca o corpo”.
E assim por diante.*



Orunmilá, que era um babalô muito procurado por doentes, interessou-se então pelo poder curativo das plantas e ordenou que Ossaim ficasse junto dele nos momentos de consulta, que o ajudasse a curar os enfermos com o uso das ervas miraculosas. E assim Ossaim ajudava Orunmilá a receber e acabou sendo conhecido como o grande médico que é.

(Reginaldo Prandi. Mitologia dos orixás. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.)

Figura 3 - Página de finalização de unidade de leitura da coleção “Todos os jeitos de crer”

Fonte: INCONTRI; BIGHETO, 2004, p. 210.

A Figura 4 ilustra a tendência presente em livros publicados mesmo após a década de 1990 (e, neste caso específico, selos que configuram essas imagens publicadas já nesta década), de manter os personagens negros confinados a determinadas temáticas, limitando as posições sociais do negro às situações de desvalorização social, no caso específico, crianças negras circunscritas à situação de miséria.

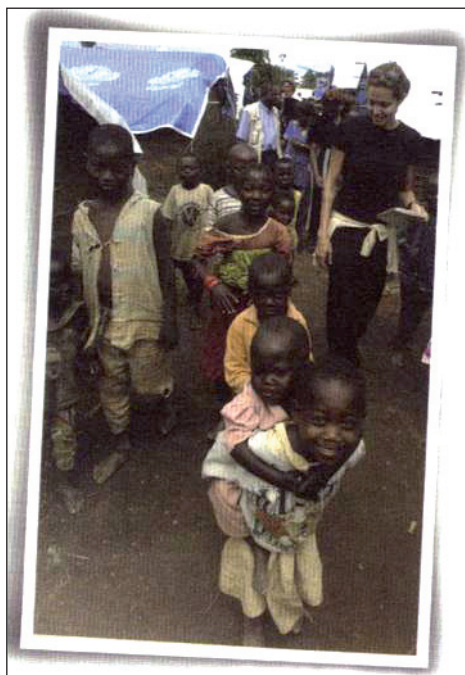


Figura 4 - Crianças pobres atendidas pelo Unicef

Fonte: LONGEN, 2007, p. 55.

Considerações finais

Nestes 30 anos de produção (1977 a 2007), os selos didáticos de Ensino Religioso apresentaram avanços e permanências no que se refere a relações entre brancos e negros. As editoras, por sua vez, em certa medida,

buscaram responder às reivindicações dos movimentos sociais negros e aos pesquisadores sobre a produção e a veiculação de discursos racistas.

A movimentação em torno do tema foi particularmente importante a partir do fim dos anos 1980, com a Constituinte e a Constituição de 1988; o Centenário da Abolição, também em 1988; a Marcha Zumbi Contra o Racismo, pela Cidadania e Vida, em 1994; a estruturação do Programa Nacional do Livro didático (PNLD); o processo de avaliação do livro didático, iniciado em 1996; a discussão e aprovação, ainda em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; e as avaliações promovidas pelo Ministério da Educação (MEC). Relacionado a toda essa movimentação, o tema racismo em livros didáticos manteve-se na agenda das discussões. O feito influenciou para que os editores de livros didáticos mudassem sua aparência, seu *layout*, e assimilassem determinados avanços pedagógicos no combate às manifestações de racismo explícito e implícito nos livros didáticos.

Os livros didáticos pesquisados nos três modelos ainda atuam no sentido de *diferenciação* ou *estigmatização* dos personagens negros, estabelecendo e difundindo sentidos que dificultam a possibilidade do negro brasileiro assumir posição de exercício de poder. As ilustrações, muitas vezes, procuram personificar os negros em representações de expressiva subordinação aos personagens brancos. Os livros mais recentes valorizaram aspectos fenotípicos de personagens negros, como no caso do modelo Fenomenológico, mas permanecem formas de hierarquia racial e a sub-representação em relação aos personagens brancos, estabelecendo contextos de valorização desses últimos.

Referências

ANDRADE, L. F. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. 2001. 389 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://serv01.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7fff.pdf>. Acesso em: 25 set. 2009.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.475/97, de 22 de julho de 1997. Alteração, normas, correlação, facultatividade, disciplina escolar, religião, estabelecimento de ensino, ensino fundamental, território nacional, competência, sistema de ensino, fixação, conteúdo, disciplina escolar, religião. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, Congresso Nacional, 23 jul. 1997b. Coluna 2, p. 15824. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?tipo_norma=LEI>. Acesso em: 25 set. 2009.

CARVALHO, A. A. M. C. **As imagens dos negros em livros didáticos de história**. 2006. 259 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

INCONTRI, D.; BIGHETO, A. C. **Todos os jeitos de crer: idéias**. São Paulo: Ática, 2004. v. 4.

JACCOUD, L.; BEGHIN, N. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília: IPEA, 2002.

JUNQUEIRA, R. A. S. **História, legislação e fundamentos do ensino religioso**. Curitiba: IBPEX, 2008.

_____. O ensino religioso na formação básica do cidadão. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 dez. 2001. Opinião C1.

LONGEN, M. R. **Redescobrimo o universo religioso: ensino fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 9.

NARLOCH, R. F. **Redescobrimo o universo religioso: ensino fundamental**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 8.

NEGRÃO, E. V. Preconceitos e discriminação raciais em livros didáticos e infanto-juvenis. **Caderno de Pesquisa**, n. 65, p. 52- 54, 1988.

ROSEMBERG, F. Relações raciais e rendimento escolar. **Caderno de Pesquisa**, v. 63, p. 27-29, 1987.

ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 125-146, 2003.

SILVA, P. V. B. Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa. 2005. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Desigualdades raciais em livros didáticos e literatura infanto-juvenil. In: COSTA, H.; SILVA, P. V. B. da. (Org.). **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa; Curitiba: Ed. da UEPG; Cátedra Unesco de Cultura da Paz, 2007. p. 159-190.

SILVA, P. V. B.; SOUZA, Gisele de. Notas sobre estudos da infância. In: SILVA, P. V. B.; LOPES, J. E.; CARVALHO, A. (Org.). **Por uma escola que protege**: a educação e o enfrentamento à violência contra crianças e os adolescentes. Ponta Grossa; Curitiba: Ed. UEPG; Cátedra Unesco de Cultura da Paz, 2008. p. 21-44.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido: 26/10/2009

Received: 10/26/2009

Aprovado: 10/03/2010

Approved: 03/10/2010